



Revista Digital do LAV

E-ISSN: 1983-7348

revistadigitaldolav@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Barin de Azevedo, Adriana

Acerca da ética no campo da formação e no trabalho em equipe

Revista Digital do LAV, vol. 10, núm. 3, septiembre-diciembre, 2017, pp. 98-113

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337054290007>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Acerca da ética no campo da formação e no trabalho em equipe

About ethics in the field of education and teamwork

Adriana Barin de Azevedoⁱ

Universidade Federal de São Paulo

Resumo

Este artigo debate o tema da ética em um dos módulos curriculares de uma formação interdisciplinar para seis cursos da área da saúde. Para esta discussão foi preparado um texto com o objetivo de apontar algumas pistas, a partir do pensamento de Espinosa e Deleuze, a respeito da diferenciação entre ética e moral na experiência de trabalho em equipe e com coletivos. Apresenta-se a proposta de trabalho em equipe interdisciplinar de estudantes junto a grupos populacionais atendidos por serviços de saúde, educação e outros. Neste trabalho, avalia-se a experiência pelos bons e os maus encontros, que interferem na realização das atividades, garantindo ações construídas em grupo ou apresentando tensões e dificuldades entre os participantes. Sendo este tema comum a outras experiências de formação acadêmica, este texto propõe disparar questões para pensar em outras práticas interessadas na discussão da postura ética nas relações entre campos de saber distintos.

Palavras-chave: ética, trabalho em equipe, formação acadêmica, Espinosa

Abstract

This article discusses the theme of ethics in one of the curricular modules of an interdisciplinary program for six courses in the Health area. For this discussion a text was prepared with the aim of pointing out some clues, based on the thought of Spinoza and Deleuze, regarding the differentiation between ethics and moral in the experience of teamwork and collectives. It presents the proposal of an interdisciplinary teamwork of students together with population groups served by Health services, Education and others. In this work, the experience is evaluated in terms of good and bad encounters, which interfere in the accomplishment of activities, guaranteeing actions built collectively or presenting tensions and difficulties among the participants. As this theme is common to other experiences of academic formation, this text proposes to raise questions to think about other practices interested in the discussion of the ethical stance in the relations between different fields of knowledge.

Keywords: ethics, teamwork, academic education, Spinoza

Introdução

Uma das experiências desafiadoras no contexto acadêmico universitário é a de pensar a respeito das práticas de ensino e dos temas decisivos em cada formação profissional. Um dos exemplos deste tipo de experiência aparece na formação em

saúde da UNIFESP – *campus* Baixada Santista, que é uma instituição criada em 2006 com uma perspectiva de formação interdisciplinar e interprofissional (UNIFESP, 2006) englobando seis cursos de graduação: educação física, fisioterapia, nutrição, psicologia e terapia ocupacional e serviço social.

A formação nesta universidade é organizada através de uma estrutura curricular em quatro eixos. São três eixos comuns, oferecidos a todos os cursos em turmas mistas com conteúdos transversais à formação do profissional de saúde: “O ser humano e sua dimensão biológica”, “O ser humano em sua inserção social” e “Trabalho em Saúde”. E um eixo específico a cada área profissional, “Aproximação a uma prática específica em saúde”. Neste contexto formativo, o corpo docente experimenta o desafio de participar dos eixos comuns dando aulas para estudantes das diferentes áreas e realizando parcerias de trabalhos com outros docentes ministrando algumas aulas em dupla.

Este desenho é inovador e inédito para todos os docentes, já que nenhum deles teve uma formação profissional nestes moldes. Por isso, faz-se necessária uma invenção contínua do cotidiano acadêmico, avaliando os processos de ensino e reformulando-os de acordo com as novas demandas produzidas. No eixo comum “Trabalho em Saúde”, em um dos módulos intitulado “Trabalho em equipe e práticas coletivas”, avaliou-se a importância de discutir o tema da ética na formação pensando a respeito da singularidade do próprio processo de ensino.

Este módulo curricular, que trata de temas referentes à interdisciplinaridade e a promoção de saúde em práticas coletivas, foi sendo ao longo do tempo revisitado, incorporando-se novos textos com conteúdos referentes à promoção e prevenção, atividades grupais, dimensão educativa/pedagógica das práticas em saúde, organização e planejamento das práticas em saúde e questões éticas que transpassam o trabalho com coletivos (AZEVEDO, PEZZATO e MENDES, 2017).

Após oito anos de implantação do módulo, o debate sobre as questões éticas é realizado a partir das experiências já vividas por estudantes e docentes neste módulo. Prepara-se, portanto, um texto que narra a singularidade desta experiência refletindo de que maneira a postura ética é convocada em cada uma das ações em equipe e no trabalho com grupos. Este texto é preparado como material de apoio nas discussões em sala de aula com a intenção de salientar a importância do trabalho de composição, de pontuação entre estudantes, docentes e população assistida. Além

disso, ele propõe pensar o lugar do estudante como protagonista de seu processo formativo enquanto participa ativamente da experiência construindo nas equipes interdisciplinares um plano de ação para o trabalho com a população.

Este texto surge como mais uma das apostas de análise e renovação deste processo formativo. Esta preocupação vem sendo debatida e trabalhada por muitos docentes individualmente ou em grupos de pesquisa desenvolvidos nesta instituição que se dedicam a avaliar as conquistas e dificuldades deste processo. Uma das produções a respeito da formação neste *campus* da UNIFESP apareceu em 2013 com o livro “Clínica comum – itinerários de uma formação em saúde”, resultado de uma pesquisa que realizou entrevistas e grupos focais com docentes e estudantes para levantar questões sobre os efeitos da experiência comum de formação ao longo da graduação. Alguns capítulos deste livro são atualmente utilizados como referencial bibliográfico em módulos curriculares desta formação.

Neste artigo será apresentado o texto de apoio para discutir as questões éticas no trabalho em equipe e neste processo formativo que tem uma proposta interdisciplinar. No entanto, podemos dizer que, embora o texto se remeta a especificidade desta formação em saúde, ele se amplia a outras experiências e pode operar como disparador para pensar outras práticas em outras instituições que se ocupam com a discussão da postura ética no encontro entre vozes muitas vezes dissonantes de campos do saber distintos.

Nesse sentido, o texto pretende pensar alguns gestos, comportamentos, composições que tratam de uma ética das relações do trabalho docente na universidade, das experiências de trabalho de grupo, seja em pesquisas, extensão ou outras atividades acadêmicas. Além disso, propõe-se pensar também a singularidade das experiências discentes em estágios e no trabalho com distintas populações, que envolvem composições com colegas, com profissionais de diferentes áreas para definir intervenções, formas de cuidado, de ensino e de criação.

Tratar da postura ética, ou seja, da capacidade de agir e pensar e do modo de nos comportarmos em experiências de trabalho em equipe e de trabalhos com diferentes grupos populacionais, é tratar do aprendizado de nossa capacidade de participar de experiências diversas considerando a complexidade das situações que envolvem questões sociais, políticas, geográficas, econômicas, subjetivas no campo da saúde, da educação, das artes.

O tema da ética no módulo “Trabalho em equipe e Práticas Coletivas”

É sempre desafiador pensar em ética em situações de cuidado. Na formação profissional essa é uma das questões fundamentais e transversal às aulas teóricas, aos conhecimentos específicos de cada área e, mais diretamente, às experiências práticas de trabalho de campo e estágios. A preocupação quanto aos protocolos a serem seguidos ou quanto ao melhor modo de agir em cada situação surge como um primeiro critério que coloca uma responsabilidade para com o outro que será assistido e cuidado.

No caso desse módulo curricular de formação de cursos da área da saúde, oferecido no quarto semestre, apresenta-se como objetivo principal a tarefa de identificar as condições de vida e as necessidades de saúde da população assistida a fim de elaborar e implementar planos de ação, que articulem as seis áreas de graduação, visando à promoção da saúde da população residente em regiões de maior vulnerabilidade social da cidade de Santos.

Através do encontro entre as diferentes profissões, busca-se inicialmente aproximar os estudantes para produzirem uma proposta comum de intervenção. Eles formam uma equipe de trabalho que tem o desafio ético de realizar uma “escuta comum” à demanda apresentada por uma instituição, um grupo, um equipamento de saúde, de educação ou organizações sociais que trabalham com propostas artísticas.

Podemos dizer que partimos de dois desafios nesse módulo: o primeiro é o de como construir um trabalho de equipe, e o segundo é como desenvolver um trabalho com o grupo populacional selecionado.

Começando pela formação da equipe, podemos nos colocar algumas questões para avaliar nosso comportamento, nosso modo de estabelecer um vínculo ou um contato com este coletivo de pessoas que acaba de se formar. Lançamos as seguintes perguntas: de que modo participamos desse encontro com colegas? O que conseguimos ouvir e perceber nas conversas com os colegas? O que, inicialmente, aparece, como algo grande demais, ou difícil demais para bancarmos?

Essas questões iniciais podem operar como guias de observação para compreender o modo como chegamos a essa *equipe* e como vamos criando estratégias de pensar e de construir ações em conjunto.

Quanto ao segundo desafio – o de construir um vínculo ou conexão com o grupo populacional que acabamos de conhecer – podemos também colocar as mesmas questões anteriores. Entretanto, podemos, desta vez, ampliar estas questões, aguçando nossa atenção para outros elementos presentes no momento em que encontramos esse grupo. Um grupo populacional tem sempre a sua singularidade e condensa ali uma heterogeneidade das histórias de vida de cada um dos participantes e de um território comum de existência. Nesse sentido, nossa atitude será a de observar a maneira pela qual nos sentimos afetados por essas pessoas, pelas palavras que usam, pelos gestos e expressões, assim como pelos cheiros, sons e outros elementos presentes no local onde estamos.

Se para nós esse encontro envolve muitas novidades, produz espantos, desperta alegrias e curiosidades, então devemos pensar que o mesmo é sentido pelas pessoas acompanhadas. Inicialmente, somos estranhos uns aos outros e estamos descobrindo um jeito de nos tornarmos próximos, ou seja, de criar um modo de estar presentes neste espaço novo e inventar algum tipo de composição através de ações de cuidado que podem ser as mais diversas.

Para descobrir uma maneira de estabelecer conexão e conseguir realizar essas atividades de cuidado, precisamos pensar no que vem a ser uma postura ética.

Proponho aqui seguir uma das muitas perspectivas que fazem uma discussão a respeito do tema da ética. A escolha dessa perspectiva se justifica por trazer pistas que nos ajudam a pensar diretamente em nossas práticas, pois se apresenta como um modo de pensar diretamente vinculado a uma filosofia prática, ou seja, aquela que se ocupa de questões concretas, dos encontros cotidianos, dos afetos vividos por cada um de nós em todo tipo de experiência.

Estou me referindo à filosofia de Baruch de Espinosa (2007), pensador do século XVII, que escreve uma obra que ganhará grande repercussão, depois do século XIX. Esta obra intitulada *Ética*, e publicada depois da morte do filósofo, em 1677, foi violentamente criticada, desautorizada pela maioria dos pensadores do século XVII, pois questionava concepções até então tomadas como verdades. Uma das questões apresentadas neste livro é a compreensão da ideia de Deus como causa imanente, como equivalente a natureza, *Deus sive natura*, opondo-se a ideia de um Deus transcendente, julgador, dotado de vontade e que agiria em função de um fim. Outra

questão decisiva presente nesta obra diz respeito à ideia de liberdade, que não se remete ao que se comprehende por livre-arbítrio, ou pela vontade do indivíduo, mas se refere a uma condição alcançada à medida que se aprende a respeito da própria potência de pensar e agir, da descoberta da capacidade de afetar e ser afetado de um corpo.

Estas questões, que mereceriam uma discussão aprofundada em outro trabalho, serão abordadas, neste texto, de modo mais geral a partir de alguns conceitos que trazem pistas para as experiências cotidianas, para o processo de formação e o trabalho em equipe.

A leitura da *Ética* de Espinosa, como obra de apoio para pensar esta temática na formação, será desdobrada junto à discussão que o filósofo francês, Gilles Deleuze (2002), faz do pensamento do filósofo moderno na obra que ele intitula *Espinosa: Filosofia Prática*.

Começamos então por uma pista decisiva para falar em ética nas experiências com equipes e do trabalho com grupos populacionais. Trata-se da diferença proposta por estes autores com relação ao que seria uma postura ética e uma postura moral. Deleuze aponta que para Espinosa a ética está relacionada a pensar em modos de existência imanentes:

Eis, pois, o que é a Ética, isto é, uma tipologia dos modos de existência imanentes, substitui a Moral, a qual relaciona sempre a existência a valores transcendentais. A moral é o julgamento de Deus, o *sistema de Julgamento*. Mas a Ética desarticula o sistema do julgamento. A oposição dos valores (Bem/Mal) é substituída pela diferença qualitativa dos modos de existência (bom/mau) (2002, p. 29).

A postura moral é conhecida como o lugar do julgamento. Trata-se de um modo de perceber as experiências e avaliá-las a partir de modelos, de leis, de regras prévias. Isso significa considerar as ações, em geral, a partir do que vem a ser o certo e o errado, ou a partir de uma classificação que as diferencia pelas categorias do *bem* e do *mal*.

Ao elegermos determinada lista de comportamentos, ao definirmos um conjunto de atividades que devem ser seguidas em uma dada situação, sem considerar a singularidade da mesma, estamos optando por uma postura moral. Poderíamos dizer que se trata de uma atuação que é mais generalizante, mais prescritiva, podendo

implicar em uma relação de maior distância ou pouca aproximação no encontro com a pessoa ou grupo acompanhado.

Quanto à postura ética, podemos dizer que ela parte sempre do grau de aproximação estabelecido nos encontros da equipe com o grupo populacional, mas também no encontro da própria equipe, entre seus membros. Nesse caso, as experiências são avaliadas, não mais a partir de modelos exteriores à ela, mas a partir do que ela tem de singular, da relação imanente entre aqueles que participam de um encontro e são por ele afetados. Não se trata mais de buscar saber se a experiência é da ordem do *bem* ou do *mal*, mas se ela expressa *bons* ou *maus* encontros.

Mas o que é um bom e um mau encontro? O bom encontro é aquele em que a equipe consegue estabelecer uma relação de *composição*, de *conexão* com o grupo populacional. Podemos dizer que há um tipo de ajuda mútua, já que se trata de forças somadas, ou seja, cada um dos participantes sai mais forte desse encontro. Percebemos isso pelo modo como somos afetados e afetamos as pessoas com as quais trabalhamos. Um bom encontro acontece quando temos um afeto de *alegria*, ou seja, há um aumento da nossa potência de vida, já que vivemos uma experiência que permite aumentar nossa capacidade de agir e pensar.

Já o mau encontro é aquele em que a equipe estabelece um tipo de relação que chamamos de *decomposição*, ou seja, quando as ações, ao invés de somarem forças, dividem e rompem a conexão estabelecida, enfraquecendo a relação tanto dentro da própria equipe quanto com o grupo populacional. Nesse caso, o afeto presente é o da *tristeza*, ou seja, há uma diminuição da nossa potência de vida, de modo que algumas partes que nos compõem podem ser enfraquecidas ou destruídas, o que nos leva a rejeitar a experiência. Podemos perceber facilmente experiências desse tipo quando nos alimentamos de algo que produz uma indigestão ou intoxicação, pois há relação de decomposição no encontro da comida com nosso sistema digestivo, o que nos torna mais fracos, por exemplo. O mesmo vale para as relações entre pessoas, que podem se desentender, viver uma situação de tensão e saírem mais enfraquecidas da experiência.

No caso do estado de tristeza, torna-se mais difícil estabelecer uma conexão com o outro grupo ou com os outros participantes da equipe, pois, nessa condição nos distanciamos mais e os julgamos pelos efeitos que eles provocam em nós, ou seja, nós os julgamos como aqueles que diminuem nossa força, nossa disponibilidade para

compor algo em conjunto. Sendo assim, não encontramos algo de comum, algo que permita realizar uma composição e temos uma dificuldade maior de estarmos disponíveis para acolhê-los e ouvi-los.

Mas é preciso lembrar que em cada relação, em cada encontro há inúmeros elementos em jogo, os afetos que atravessam os indivíduos de um grupo não são apenas questões subjetivas, não se remetem apenas a uma história de vida. Quando falamos em afetos estamos considerando as variações que se apresentam em um estado de corpo. Estas variações são produzidas por elementos de um encontro que podem ser relativos à temperatura, aos cheiros, às sonoridades, a signos imperceptíveis que a expressão do rosto de alguém pode produzir em nós. Portanto, o campo afetivo no qual estamos inseridos sempre se refere a inúmeros elementos que nem sempre são nomeáveis.

Podemos dizer que vivemos, ao longo da vida, muitos bons e maus encontros. Basta lembrarmos de experiências com a família, com amigos, com animais de estimação, com livros e músicas que nos afetaram de uma alegria intensa, e também de momentos em que nos machucamos ou adoecemos e por isso ficamos mais fragilizados. Nesse sentido, é preciso considerar que as relações entre grupos e equipes também estão marcadas por bons e maus encontros, já que todos os participantes são afetados nessa experiência, de modo que, há momentos de composição e momentos de decomposição. Há situações que desagradam, que tencionam um grupo, assim como há situações de parceira e apoio mútuo.

Espinosa chamava a condição de afetar e ser afetado por bons e maus encontros, de uma força própria ao indivíduo que o faz perseverar na existência. É assim que este autor propõe o conceito de *conatus* (E, III, P. 6)¹ para falar de um esforço singular de insistir na vida, que aparece como um preenchimento do corpo com afetos alegres e tristes.

Preenchemos nosso *conatus* de muitos afetos, e Espinosa afirma, de maneira até provocativa, em uma frase célebre da *Ética*, que “ninguém sabe o que pode um corpo”. Tomando o corpo como modelo ele se refere ao indivíduo todo, corpo e mente, pois se trata de dois modos distintos em uma mesma substância. O corpo é um modo de agir e a mente, um modo de pensar. Ambos existem em

¹ As referências às obras de Espinosa costumam ser apresentadas com a inicial do título, número da Parte referida e número das proposições citadas. Neste caso utilizamos E para *Ética*, III referindo-nos a Parte III, intitulada “A origem e a natureza dos afetos”, e P. para Proposição, que neste caso é a proposição 6: Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar no seu ser.

correspondência, qualquer afeto do corpo tem um correlato de uma ideia na mente (E,II, P. 7)². Então sempre que falarmos da mente, da consciência, é preciso considerar o que acontece com o corpo para sermos tomados por determinadas ideias. Não há uma relação de hierarquia da mente em relação ao corpo, mas um paralelismo a partir do qual, o que faz bem ao corpo, faz bem a mente e o que faz mal ao corpo, faz mal a mente.

Espinosa pontua que ignoramos as inúmeras capacidades que temos para inventar uma vida singular, pouco sabemos de nosso corpo, daquilo que somos, pois se soubéssemos seríamos capazes de descobrir variadas maneiras de compor uma condição de saúde. Este autor convida a pensar nesta capacidade tão surpreendente de lutar pela conservação da vida, ou seja, o conatus expressa uma afirmação, já que não agimos contra nós mesmos. Em todas as ações realizadas, embora nem sempre sejamos sensíveis para perceber, nós afastamos aquilo que nos é prejudicial, aquilo que é contrário a nossa natureza.

Mesmo em situações de adoecimento, de fragilização, de dor, o corpo luta para afastar a dor, ou o elemento estranho que o decompõe; ele concentra muita força nesta expulsão, e, por esse motivo, encontra-se menos capaz de ser preenchido por outros afetos que aumentariam a sua força. Nessas situações é preciso ser tomado por alguma experiência arrebatadora, por um encontro inesperado que sirva de trampolim para aumentar a sua capacidade de afetar e ser afetado e conseguir selecionar os encontros que o fortalecem.

Vivemos em um processo de contínua variação afetiva, de modo que percebemos o que são alegrias e tristezas para nós, necessariamente, através desses encontros, nos quais afetamos o outro e somos por ele afetados. Por isso, quando pensamos em ética ao tratar de equipes interdisciplinares num trabalho com grupos populacionais, estamos considerando que há sempre surpresas, situações inesperadas, e a cada vez um novo afeto pode surgir da experiência. Sendo assim, cabe perguntar: como é possível construir bons encontros, especialmente quando só enxergamos aquilo que não funciona em uma equipe ou quando os modos de pensar dos outros colegas parecem distintos do nosso e assim não conseguimos estabelecer um diálogo com eles?

Um bom caminho é o de aprender a construir um espaço de conversa, no qual

² Ética, Parte II, Proposição 7: A ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas.

construímos um campo comum de questões-problemas e podemos compor a partir daí algumas intervenções. Deleuze e Guattari, em entrevista publicada em *Dois regimes de loucos*, falam daquilo que compreendem por conversação em filosofia, denunciando o exercício narcísico presente em toda a discussão, que impede de perceber as composições possíveis entre os problemas de cada um. Diferente do excesso de comunicativismo em que cada um quer defender sua opinião, e no caso das áreas profissionais, onde cada um quer defender a sua especificidade e a sua técnica, estes autores sugerem a experiência de se estabelecer uma conversa, ou seja, encontrar no fundo comum de problemas uma relação entre singularidades que possa ser rica, interessante, produzindo “mudança, novidade, aprendizagem e, claro, nenhuma razão para discutir.” (SALES, 2014, p.277). Nas palavras de Deleuze e Guattari:

Discutir é um exercício narcísico onde cada um por seu turno fica se gabando: às rápidas já não se sabe mais do que está falando. O que é bem difícil, é determinar o problema a que tal ou qual proposição responde. Ora, caso se compreenda o problema colocado por alguém, não se tem vontade alguma de discutir com essa pessoa: ou se coloca o mesmo problema, ou então se coloca um outro e, há mais vontade de se avançar para o seu próprio lado. Como discutir quando não se tem um fundo comum de problemas, e por que discutir caso se tenha um? Temos sempre as soluções que merecemos a partir dos problemas que colocamos. As discussões representam muito tempo perdido para problemas indeterminados. As conversas, isso é outra coisa. É certamente preciso conversar (2017, p. 403).

É muito comum perceber este processo nos debates de uma equipe de trabalho. Muitas vezes cada partícipe se preocupa mais em defender o seu saber, a sua técnica do que em se tornar sensível às questões comuns que movem a equipe. É importante lembrar que é a experiência com a população assistida e como ela afeta uma equipe que convida às conversações e ao aprendizado de um novo modo de agir. Observar o modo como a equipe e o grupo assistido operam ajuda a pensar quais são as situações que permitem conexão e quais são as situações que impedem um contato, uma troca.

Uma ética que dialoga com uma perspectiva cartográfica

Podemos dizer que uma característica desta proposta pactuada neste módulo comum de formação é a de optar por uma metodologia de caráter qualitativo que dialoga com a perspectiva cartográfica, a qual compreende que os pesquisadores se constituem a partir da experiência, não se pautando na lógica de sujeito-observador e objeto-

observado. Nesse sentido, dizemos que docentes e estudantes se constituem nesta experiência e produzem os dados ou os efeitos do trabalho na medida em que são afetados e afetam aqueles com quem trabalham. Ao invés de coletar dados, observar pessoas e intervir de modo vertical sobre elas, o método da cartografia, que é um método de pesquisa-intervenção pressupõe, segundo Barros e Passos:

uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo (...). No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão do percurso da pesquisa (2006, p.17).

A equipe de estudantes é convidada a construir uma atenção investigativa à experiência, que não é prescritiva, mas que tem uma direção na medida em que busca acessar as singularidades deste trabalho com os grupos e isso só acontece porque ela se permite ser modificada pelos encontros. Os estudantes não estão em busca de dados a serem descobertos, mas participam da produção de dados que só acontece a partir da presença deles neste território e com estas pessoas.

Um dos instrumentos fundamentais para acompanhar a experiência do estudante neste processo é a escrita de diários de campo depois de cada encontro. Nestes diários, os estudantes registram notas descritivas e intensivas, descrevendo as situações vividas, detalhes da experiência assim como anotações a respeito dos próprios afetos, das impressões, tensões, incômodos e também anotações de trechos de músicas, poesias ou ideias disparadas pela experiência. A proposta destes diários contempla pelo menos estes dois tipos de notas a serem registradas, como aponta Capozzolo, Casetto e Henz:

Notas descritivas - Descrição das condições de cada encontro: quais as características do local que ocorreu o encontro? [...] O que foi observado no local? (descrever o espaço, móveis, objetos). Quais pessoas estavam presentes no local? [...] Características marcantes das pessoas: gestos, estilo de falar e agir. Trechos dos diálogos e das conversas: entre os acompanhados, deles com a dupla de estudantes, gestos, entonação, termos utilizados (marcar com aspas o que é reconstituição literal). Relato de acontecimentos singulares: descrição de situações marcantes [...]

Notas Intensivas - É importante estar atento para as sensações, sentimentos e pensamentos provocados pelo encontro, pois, para melhor perceber o outro, é preciso perceber-se a si mesmo na situação. Sentimentos: tristeza, alegria, raiva, intensidades sem nome, indiferença...

Sensações: de disponibilidade para o encontro, de acertos, de erros, de preconceitos [...] (2013, p. 299).

Os diários são ferramentas que permitem também a cada um avaliar seu jeito singular de participar de uma equipe, avaliar as sensações produzidas em cada experiência e o modo de perceber aqueles com quem se trabalha. Podemos dizer que, em determinado dia de campo, nós e outros colegas parecemos muito empolgados com as atividades/oficinas realizadas, e em outros dias a equipe se mostra mais desanimada. É possível notar que a configuração estabelecida pelo grupo produz alegrias para alguns, tristeza para outros. Há dias em que a equipe de alunos está mais conectada com a atividade que quer propor e outros em que ela se dispersa. É preciso estar à espreita dos tempos da experiência, sentindo quando é necessário mudar de ritmo em uma oficina proposta, quando acelerar ou desacelerar, quando criar momentos de silêncio ou aguentar um pouco mais a duração de uma atividade para perceber sutilezas, pistas que não surgem aos olhos de maneira imediata.

Nesse trabalho, faz parte perceber que nem tudo sai como planejado e esse é um dos grandes aprendizados dessa experiência. Temos a oportunidade de realizar a tentativa de invenção de uma experiência comum entre colegas, respeitando a maneira singular de cada equipe funcionar, o tempo de encontro próprio a cada uma. Nesse sentido, não há comparação possível entre equipes, não se trata de julgar se uma equipe foi mais bem-sucedida que outra. Esta é uma avaliação moral, como foi apresentado acima. O que interessa saber é o grau de composição dessa equipe e o que ela consegue fazer dentro dos seus limites. Interessa perguntar a cada vez: de que modo é possível realizar um trabalho comum nesse momento, com essas pessoas, nesse semestre? Tudo é novidade: a equipe da qual pertencemos, o grupo populacional com o qual vamos trabalhar, os professores que vão supervisionar as atividades e refletir sobre as experiências afetivas. Em cada um desses encontros o caminho é descobrir quais os modos de composição, o que pode torná-los bons, ou seja, fortalecer o grupo.

Quando há tensões, angústias, incômodos, que chamamos de afetos tristes, enquanto são afetos que diminuem a nossa força e disponibilidade para viver a experiência, é preciso contar com a ajuda da supervisão docente, ou com a ajuda de colegas, ou mudar de estratégia para tentar encontrar algo de comum e a partir daí pensar nas dificuldades. A partir da tristeza não conseguimos pensar sobre as dificuldades, pois temos nossa percepção diminuída por algo que nos incomoda. Só é possível avaliar o encontro, a partir de alguma situação de alegria, pois assim vemos de dentro e não

de fora, como é o caso da postura moral. Ver de dentro significa estar em contato, presente, participando da experiência. É desse modo que conseguimos perceber as dificuldades de uma equipe, é desse modo que conseguimos ouvir as demandas do grupo populacional e pensar em estratégias de promoção e educação em saúde.

O importante é saber aproveitar as circunstâncias e criar tentativas de trabalho comum. Estamos sempre compondo com aquilo que surge de cada situação, de modo que podemos dizer que a preparação prévia para trabalhar com um grupo é, na verdade, um pretexto, um disparador para observar os gestos, observar as demandas, aprender um modo de inventar atividades em conjunto com ele.

Enfim, podemos dizer que nesse trabalho em equipe e com grupos populacionais o que conseguimos realizar é uma rede de cuidado mútuo. Um aprendizado entre os estudantes, entre estudantes e população, entre estudantes e docentes. Essa rede é tramada ao longo do semestre, em cada atividade e através do modo em que cada um é afetado pela experiência. Às vezes essa rede se desmancha, pois as dificuldades do percurso desmobilizam a equipe ou desmobilizam o grupo populacional. No entanto, são justamente nos tropeços, nos momentos em que os fios da rede arrebentam que precisamos buscar um jeito de recomeçar a tramá-la.

A seleção dos encontros e a questão da liberdade

O que apresentamos através da experiência de um processo formativo é o que aparece como desafiador na trajetória de cada vida singular. Todos os encontros vitais indicam a capacidade de um corpo afetar e ser afetado e indicam quando alguém está disponível para ouvir, sentir e rastrear as oportunidades de composição.

A ética trata deste aprendizado de como selecionar bons encontros. Em sua filosofia, Espinosa, atribuiu este aprendizado a um conhecimento que ele chamou de racional. Este conhecimento apenas aparece a partir do aumento de encontros alegres, que permitem aumentar a capacidade de pensar e agir de um corpo.

Na contramão de muitas filosofias da época, Espinosa defendeu uma concepção de razão, como algo inseparável dos afetos vividos, das variações do corpo e, concomitantemente, da mente, e que se remete à relação de ajuda mútua entre os homens. Este autor entendia que era próprio aos indivíduos convir entre si, estabelecerem composição, já que é no encontro com o outro que cada um aprende a respeito da própria força e se torna, portanto, menos ameaçado de ser destruído por

corpos contrários, ou seja, por relações de decomposição. De algum modo Espinosa sugere que quanto mais isolados, com ações mais individuais que não são produzidas a partir de um campo comum de trocas, ou a partir de uma conversação, como diziam Deleuze e Guattari, somos menos capazes de afirmar nossa força de existir, nosso conatus.

Nesse sentido a razão e as experiências comuns estão mais próximas da condição de liberdade, nos afastando de uma vida servil, fragilizada própria à condição voluntarista que avalia, faz escolhas e julga de fora da experiência. A esta postura moral, Espinosa chama de ignorância, própria àqueles que desconhecem seus afetos. Trata-se de um conhecimento por imaginação que percebe o mundo a partir de si mesmo sem compreender os encontros, as variações, sem ter a sensibilidade da escuta e da composição entre vozes dissonantes. (AZEVEDO, 2013)

A ética é justamente a experiência de aprendizado pela razão, a qual permite tornar a tristeza um afeto que ocupa a menor parte de nós mesmos, de nossa existência. Certamente variamos de humor, às vezes levantamos com o pé esquerdo. Cada um de nós vive os seus conflitos afetivos, tem suas dores de cabeça, sente que nem sempre consegue realizar o que gostaria. Podemos dizer que oscilamos nas ideias e nos afetos, ao longo da trajetória de nossa existência, mesmo porque a cada vez é um corpo novo, uma situação nova que pode nos afetar. Não sabemos o que vai acontecer quando sairmos na rua amanhã. No entanto, a grande oportunidade que temos é a de aprender, constantemente, o que é bom e mau em cada experiência. O interessante é que nunca são as mesmas coisas, já que nós variamos o tempo todo, pois podemos mudar nosso paladar, podemos mudar de opinião a respeito de um autor, podemos mudar o modo de participar de um mesmo grupo.

O conhecimento racional serve de passagem para um conhecimento ainda mais elevado que é o que Espinosa chama de conhecimento intuitivo, condição de liberdade na qual tomamos posse da potência singular que somos, ou seja, não só aumentamos, mas expressamos efetivamente nossa capacidade de pensar e agir, em tudo que ela é (E, V, P.27)³. Trata-se de um contato com aquilo que somos, com o que o autor costumava chamar de essência singular, conectada a todas as outras numa relação de composição infinita.

³ Ética, Parte V, Proposição 27. Desse terceiro gênero do conhecimento provém a maior satisfação da mente que pode existir.

Sem avançar nesta complexa discussão, o que podemos dizer, a respeito deste conhecimento racional e intuitivo que expressam um modo de considerar a postura ética nos encontros da vida, nos processos formativos, nas relações de grupo é que ela está diretamente relacionada a um modo de vida livre.

Falar de ética é falar de liberdade, de alegria, mais especialmente, falar das situações nas quais sentimos uma alegria intensa e vivemos a sensação de uma conexão com todas as coisas. A liberdade em um processo de formação, em nossas ações cotidianas está diretamente ligada a capacidade de enfrentar todo tipo de constrangimento institucional envolvendo atividades burocráticas, funções pedagógicas, tarefas acadêmicas, relações docentes-estudantes.

Considerações finais

Esta discussão da postura ética em um módulo comum de formação interdisciplinar para cursos da saúde pode ajudar a pensar nas experiências de formação em diferentes áreas na medida em que é a condição do encontro vivida entre estudantes, docentes e população assistida. O agir profissional é atravessado pelas relações de composição e decomposição que nunca são as mesmas.

Diríamos que a *Ética* de Espinosa traz cintilações para pensar um caminho de liberdade que permita sentir e selecionar as nossas práticas e nosso modo de participar de toda a experiência que vivemos. Sem finalidade, sem vontade individual, sem funcionalidade, este conhecimento ético-intuitivo permite conhecer o que pode um corpo, uma mente, um modo de vida.

Talvez possamos apostar nos espaços de formação universitária ou outros espaços de ensino-aprendizagem como espaços potentes para pensar o tema da ética, já que se trata de um possível espaço de invenção, de composição de questões-problemas, de intervenções sociais. Este é certamente nosso grande desafio, já que o peso dos julgamentos morais e das disputas egóicas ainda sufoca nossas práticas cotidianas.

Referências

AZEVEDO, A. B. de. A intuição clínica – entre Deleuze e Espinosa. São Paulo, 2013, **Tese** (Doutorado). Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientador: Profº Dr. Peter Pál Pelbart

_____ ; PEZZATO, L. M.; MENDES, R. Formação Interdisciplinar em Saúde e Práticas Coletivas. **Saúde em Debate**, v.41, p.647 - 657, 2017.

BARROS, R. B.; PASSOS E. **Método na experiência clínico-política**: reversão e desmontagem. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2006 (mimeo).

CAPOZZOLO, A. A.; CASETTO, S. J.; HENZ, A. O. (org.) **Clínica Comum**: itinerários de uma formação em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.

DELEUZE, G. **Espinosa**: Filosofia Prática, tr. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____ ; GUATTARI, F. **Dois regimes de louco**. Textos e entrevistas (1975-1995). Edição preparada por David Lapoujade, tr. Guilherme Ivo, revisão técnica Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.

SALES, A. C. **Deleuze**: pensamento e acordo discordante. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP) Campus Baixada Santista. A educação interprofissional na formação em saúde: a competência para o trabalho em equipe e para a integralidade no cuidado. **Projeto Político Pedagógico**, 2006.

ⁱ Professora Afiliada da UNIFESP - Campus Baixada Santista. Doutora pela PUCSP com doutorado sanduíche pela Université de Paris X - Nanterre. Pesquisadora do grupo LEPETS - Laboratório de Estudos e Pesquisa em Formação e Trabalho em Saúde. Realiza pesquisas a respeito dos processos de subjetivação, saúde mental e educação.

Como citar esse artigo:

AZEVEDO, Adriana Barin de. Acerca da ética no campo da formação e no trabalho em equipe. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 10, n. 3, p. 98-113, set./dez. 2017.

Recebido em: 6 dezembro 2017

Aprovado em: 20 dezembro 2017